

INVERNO DO HEMISFÉRIO NORTE EM PLENO HEMISFÉRIO SUL? A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL E O FENÔMENO DA PÓS-VERDADE

Marcelle Medeiros Teixeira¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²

RESUMO:

Este texto é parte dos resultados de pesquisa de mestrado em andamento que discute as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade no contexto da COVID-19 no Brasil. Analisamos o perigo da desinformação e de seu uso como uma estratégia política por Eduardo Pazuello, que em junho de 2020, na condição de ministro interino da Saúde, justificou o número considerável de óbitos nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil argumentando que o clima nessas regiões estaria ligado ao inverno do Hemisfério Norte. Adotamos o método cartográfico para acompanhar a disseminação de *memes* nas redes sociais Twitter e Facebook e comentários postados na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook em resposta ao pronunciamento de Pazuello, seja em apoio, seja em repúdio. Os *memes* e comentários analisados evidenciam que existem grupos de internautas que apoiam Pazuello, enquanto outras postagens ridicularizam a tentativa do então ministro interino de redefinir a Linha do Equador como tentativa de justificar o alto número de óbitos por COVID-19 no Norte e Nordeste do país. Em tempos de pandemia, consideramos imprescindível colocar em prática uma educação em/para a rede, desconstruindo esse tipo de fala enunciada por Pazuello, que busca justificar com inverdades o caos social, evidenciando a ineficiência de políticas públicas para enfrentar a pandemia da COVID-19 no Brasil.

Palavras-chave: Fake News. Pós-verdade. Pandemia. Memes. Educação.

Forjando mentiras para justificar a morte: iniciando o debate

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) tem provocado uma grave crise socioeconômica em todo mundo. Em maio de 2021, o Brasil ultrapassou a marca de 15 milhões de pessoas infectadas e mais de 440 mil óbitos por COVID-19. Após quatro meses do início da campanha de imunização no país, o cenário brasileiro ainda é bastante preocupante, principalmente diante das mais de 80 mil infecções diárias pela doença³. Considerando a lentidão da vacinação, o

1 Mestranda (bolsista Faperj) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ). E-mail: marcellemteixeira@gmail.com

2 Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

³ Brasil registra mais de 80 mil óbitos em 24 horas. Disponível em: <<https://is.gd/vlc0ls>>. Acesso em: 21 maio 2021.

alto número de óbitos diários e a flexibilização das medidas de restrição, as/os especialistas já estão alertando a população para uma possível terceira onda.

Mesmo cruzando fronteiras, o novo coronavírus escancara as desigualdades sociais, evidenciando que as pessoas mais suscetíveis à contaminação são aquelas que integram grupos que incluem moradoras/es das favelas, populações de rua e trabalhadoras/es informais (SANTOS, 2020). Isso mostra que “os grupos historicamente excluídos estão mais vulneráveis na pandemia. O acesso aos direitos fundamentais, como à saúde e à educação, está sob ameaça em função dos cortes de investimento no setor público” (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020, p. 1530). Dessa forma, não podemos ser ingênuas/os e acreditar que o novo vírus atinge todo mundo da mesma forma; afinal, a pandemia não é cega, tem alvos específicos (SANTOS, 2020).

Diante desse cenário, reforçamos que as ações governamentais no combate à pandemia são motivo de preocupação, tendo em vista que os discursos produzidos e amplamente divulgados na mídia e nas redes sociais demonstram políticas de combate à pandemia da COVID-19 desalinhadas com as recomendações da própria Organização Mundial da Saúde (OMS). A rotina, marcada pelo luto, é vivida também em um cenário político instável, com um presidente que “minimiza a gravidade da pandemia, debocha dos doentes e mortos, ironiza familiares que choram seus mortos, faz, apoia e ressalta discursos autoritários, agride profissionais de saúde, jornalistas e instituições” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 211). Cabe então, questionarmos as políticas de enfrentamento à pandemia do novo coronavírus no Brasil.

Na cidade do Rio de Janeiro (RJ), houve um planejamento para que fossem inaugurados sete hospitais de campanha no mês de abril⁴. No final de junho, apenas as unidades do Maracanã e de São Gonçalo funcionavam parcialmente, tendo em vista que os dois somavam juntos mais de 350 leitos indisponíveis devido à falta de equipamentos, insumos e profissionais. As unidades de Casimiro de Abreu, Campos dos Goytacazes, Duque de Caxias, Nova Friburgo e Nova Iguaçu não tiveram suas obras concluídas e, em decorrência, foram e estão sendo desmontadas. Em agosto daquele mesmo ano, o governador Wilson Witzel (PSC) foi afastado do cargo pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) devido a uma série de denúncias sobre possíveis desvios de recursos do setor da saúde no Rio de Janeiro. Ousamos dizer que, em 2020, a pandemia da COVID-19 no Brasil

⁴ Planejamento dos hospitais de campanha no Rio de Janeiro e as atuais dificuldades. Disponível em: <<https://is.gd/7DxUiF>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

acabou como mero pano de fundo de um cenário (necro)político alimentado por uma série de escândalos que contribuíram para dificultar ainda mais o combate ao novo coronavírus.

Não somente a falta de infraestrutura para garantir o atendimento às/aos pacientes infectadas/os pela COVID-19 nos preocupa, mas a própria instabilidade no Ministério da Saúde. Desde o início da vigência do governo de Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019, Luiz Henrique Mandetta assumiu o cargo de ministro da Saúde e permaneceu até abril de 2020, quando foi demitido após divergências com o presidente frente à política de isolamento físico⁵, medida recomendada pela OMS. Mandetta foi substituído por Nelson Luiz Sperle Teich, que se demitiu da pasta em maio, antes mesmo de completar um mês na função, por discordância em alguns aspectos, incluindo a mudança no protocolo do uso da cloroquina para o tratamento da COVID-19 e a ampliação de algumas atividades tidas como essenciais.

Além do expressivo número de óbitos no país, preocupa-nos também a forma como o presidente se posiciona diante deles. Em uma das interações de Bolsonaro com apoiadoras/es na portaria do Palácio da Alvorada, em Brasília, uma religiosa pediu uma palavra de conforto para aquelas/es que estão em luto. Em resposta, Bolsonaro declarou: “Eu lamento todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”⁶. Essa afirmação do presidente caminha na mesma linha de pensamento do que Santos (2020, s/p) denomina “darwinismo social”, cuja perspectiva é eliminar todas as pessoas “que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis, como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento”. A partir das proposições de Santos (2020), vimos percebendo a frieza com que o governo brasileiro lida com o aumento diário do número de pessoas infectadas e de pessoas que perderam suas vidas para a COVID-19.

Em pleno cenário de caos no âmbito da saúde e da política brasileira, Eduardo Pazuello foi exonerado do cargo de secretário-executivo do Ministério da Saúde e nomeado, no início de junho de 2020, como ministro interino. Diferentemente das outras gestões, a pasta não é ocupada por um médico, mas por um general de divisão do Exército, graduado como oficial de Intendência (especializado em tarefas logísticas ou administrativas) pela Academia Militar das Agulhas Negras

⁵ Embora a OMS recomende o chamado isolamento social, concordamos com Henrique (2020) na opção pelo uso da expressão isolamento físico. Entendemos que, embora estejamos vivendo tempos de pandemia, ainda assim permanecemos constantemente em contato com outros sujeitos, seja por telefone, por redes sociais *online* ou simplesmente quando precisamos sair de casa e interagir com outras pessoas na rua.

⁶ “Bolsonaro diz que a morte é o destino de todos”. Disponível em: <<https://is.gd/VNrzdW>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

(Aman). No dia 09 de junho de 2020, poucos dias após assumir o ministério, Pazuello tornou-se alvo de críticas ao minimizar a pandemia, comentando que as regiões Norte e Nordeste do país já estavam com a situação controlada, ou seja, com os números de contaminação e óbitos reduzidos. Não obstante, Pazuello também fez relação entre os climas das regiões Norte e Nordeste com o inverno do Hemisfério Norte, conforme as suas palavras:

Para efeito da pandemia, podemos separar o Brasil em Norte e Nordeste, que é a região que está mais ligada ao inverno do Hemisfério Norte, são as datas do Hemisfério Norte que temos inverno, e ao Centro-Sul, Sudeste, Centro-Oeste, que é a região que ‘tá’ mais ligada ao inverno do Hemisfério-Sul⁷.

Com base nos dados de 2020 do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), cabe questionar essa afirmação de Pazuello. Para tanto, selecionamos duas capitais brasileiras que estariam supostamente bastante ligadas ao “inverno do Hemisfério Norte”, ou seja, aquelas que estão geograficamente localizadas ao norte da Região Norte e ao norte da Região Nordeste. A primeira delas é Boa Vista, capital de Roraima (RR), que registrou a temperatura mínima de 20,3°C e a temperatura máxima de 38°C em 2020. A segunda é São Luís, capital do Maranhão (MA), que registrou a temperatura mínima de 21,6°C e a temperatura máxima de 34,5°C em 2020. Diante das palavras do ministro, não podemos negar nosso alinhamento com o argumento de Santaella (2019), que reitera que (até) as evidências mais claras são questionadas pelos sujeitos que apresentam desconhecimento básico sobre ciência. Com isso, também partimos do pressuposto de que existe “uma dimensão epistemológica em jogo na disputa por histórias políticas, na medida em que todas pretendem ser verdadeiras, mesmo quando os fatos que narram são altamente implausíveis” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 33).

Este texto é parte dos resultados de pesquisa de mestrado em andamento e discute as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade no contexto da COVID-19 no Brasil⁸. Analisamos o perigo da desinformação e de seu uso como estratégia política por Eduardo Pazuello, que em junho de 2020, na condição de ministro interino da Saúde, justificou o número considerável de óbitos nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil argumentando que o clima nessas regiões estaria ligado ao inverno do

⁷ “Pazuello afirma que as regiões Norte e Nordeste estão mais ligadas ao inverno do Hemisfério Norte”. Disponível em: <<https://is.gd/3tWIEp>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

⁸ Uma versão ampliada deste trabalho foi publicada no segundo número da Revista Práxis de 2021. O link para o texto é: <<https://bit.ly/2TuhWIY>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

Hemisfério Norte. Adotamos o método cartográfico para acompanhar a disseminação de *memes* nas redes sociais Twitter e Facebook e comentários postados na página oficial do Ministério da Saúde⁹ no Facebook em resposta ao pronunciamento de Pazuello, seja em apoio, seja em repúdio.

O texto está organizado em quatro partes. A seguir discorreremos sobre a aposta teórico-metodológica na cartografia, que possibilita lançar um olhar analítico sobre diferentes postagens realizadas por internautas. Em seguida, discutiremos as *fake news* e o fenômeno da pós-verdade imbricados na declaração do ministro Pazuello e seus desdobramentos nas redes sociais digitais Twitter e Facebook. Por fim, a título de conclusão, discutiremos sobre a necessidade de colocar em prática uma educação em/para a rede, desconstruindo esse tipo de discurso do ministro Pazuello, que busca justificar com inverdades o caos social, evidenciando a ineficiência de políticas públicas para enfrentar a pandemia da COVID-19 no Brasil.

A cartografia como opção teórico metodológica

Com a cartografia, entendemos a importância do estabelecimento de uma relação de alteridade entre pesquisador/a e sujeitos, aspecto que faz com que o outro “possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência” (ROLNIK, 2011, p. 12). Trabalhar sob um olhar de alteridade é um convite para a formulação de perguntas na busca por pistas que forneçam maiores respostas sobre a constituição de territórios que se reinventam a cada dia e que modificam também o relevo da paisagem (ROLNIK, 2011). Com a emergência das redes sociais digitais, esse relevo polimorfo abarca a proliferação de diferentes pontos de vista que se (re)articulam em/na rede, fazendo da internet um importante de lócus de pesquisa (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020).

Nosso compromisso ético-político de pesquisar *fake news* e o fenômeno da pós-verdade diz respeito ao interesse em acompanhar o perigo da desinformação e da falta de compromisso com a verdade no contexto político brasileiro contemporâneo. Por isso nossa intenção de cartografar *memes* e comentários na rede no contexto da pandemia da COVID-19 que fomentam uma importante reflexão sobre a participação colaborativa de internautas que se expressam a partir do

⁹ Página oficial do Ministério da Saúde no Facebook. Disponível em: <<https://is.gd/3qSBFV>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

uso de imagens-dizeres. Não podemos negar que a confecção de *memes* evidencia a criatividade das/os internautas pela aspiração de mudanças sociais, fazendo com que seus anseios políticos sejam amplamente divulgados (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

Para acompanhar a produção desses *memes*, vimos adotando a cartografia como método de pesquisa, entendendo-a como “um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2011, p. 23). Nesse movimento cartográfico afetamos o outro e somos afetados pela relação que estabelecemos com o outro, em uma relação de alteridade em que permanecemos abertos para a aquisição de novos aprendizados durante o percurso investigativo (CARVALHO; POCAHY, 2020).

Para isso, precisamos permanecer mergulhadas/os nas intensidades de nosso tempo, afetando os sujeitos na medida em que também somos afetadas/as (ROLNIK, 2011). Esse caráter da afetação se faz presente quando nos colocamos abertos aos efeitos inesperados e às constantes modificações que cruzam o caminhar da pesquisa e incidem diretamente sobre nossos interesses investigativos (CARVALHO; POCAHY, 2020). Somos afetadas/os constantemente a partir da relação que estabelecemos com o outro e com o mundo, incluindo o que fazemos/vemos/ouvimos na rede, pela forma como outras/os internautas posicionam-se ética e politicamente e quais sentidos produzem sobre o que decidem postar/compartilhar/curtir.

Por estarmos imersos nas experiências sociais engendradas pelas redes sociais digitais, inquietou-nos cartografar a disseminação de *memes* e comentários de internautas para discutir o fenômeno da pós-verdade em tempos de pandemia no Brasil. Investigar essas práticas em/na rede significa nos lançar no desafio de buscar entender o processo de propagação da desinformação. Para isso, partimos do pressuposto de que as *fake news* constituem-se como um fenômeno que coloca em xeque a “credibilidade das instituições ‘credenciadas’ para determinar o que é verdadeiro e o que aconteceu de fato e termina com a admissão de uma ‘epistemologia tribal’, segundo a qual verdade e falsidade são relativas aos interesses da nossa tribo” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 43). Como efeito, acompanhar a produção e a disseminação de (des)informações na rede vem sendo nossa tarefa investigativa com o método cartográfico.

Partindo desse pressuposto, investigamos *memes* que viralizaram em redes sociais como o Facebook e Twitter em junho daquele mesmo ano. Além dos *memes* capturados e analisados, nosso

movimento cartográfico no Facebook analisou a página oficial do Ministério da Saúde, durante o mesmo período, buscando acompanhar alguns dos comentários realizados por internautas, que demonstram tanto apoio como insatisfação com as ações governamentais. Os *memes* e comentários selecionados para análise neste texto forneceram entradas de problematização importantes que evidenciam a forma como internautas posicionam-se frente à declaração de Eduardo Pazuello. São *memes* e comentários que revelam diferentes visões de mundo que sensibilizam, nos tocam, porque expressam a polarização política no Brasil em um período marcado por uma profunda crise socioeconômica que vem sendo acentuada pela pandemia da COVID-19.

Por motivos éticos, optamos por retirar os nomes das/os autoras/es dos comentários, evitando sua exposição. Não é possível identificar o/a autor/a dos *memes* apresentados e analisados, porque não se trata de uma criação pessoal, mas sim de uma rede de agenciamentos (NOLASCOSILVA; SOARES; BIANCO, 2019). O *meme* é um convite para que pessoas de todos os cantos do mundo (co)criem juntas, evidenciando o quanto a rede é um espaço importante para problematizar o cenário político em tempos de pandemia do novo coronavírus (MADDALENA; COUTO JUNIOR; TEIXEIRA, 2020).

“Não vejo a hora de nevar”: cartografando o fenômeno da pós-verdade na rede

Dentro do contexto das *fake news* e do fenômeno da pós-verdade, nossa cartografia exercita o olhar crítico frente a conteúdos que comumente viralizam na rede. A viralização só é possível porque qualquer pessoa hoje com acesso à internet tem o potencial de produzir/compartilhar, em tempo real, qualquer tipo de informação, evidenciando o quanto há de “uma crescente troca e processos de compartilhamento de diversos elementos da cultura a partir das possibilidades abertas pelas tecnologias eletrônico-digitais” (LEMOS, 2007, p. 36-37). Arquivos de todo tipo “inundam” a internet, favorecendo importantes entradas de problematização sobre o cenário político cotidiano em tempos de pandemia.

As imagens digitais vêm se constituindo-se em elementos centrais dos processos comunicacionais digitais, e por isso entendemos a importância de voltar nossa análise para os *memes*, muito populares nas redes sociais *online* (SANTOS; COLACIQUE; CARVALHO, 2016).

Os *memes* carregam “significados que são difundidos de um indivíduo a outro através de dinâmicas replicadas, mixadas e compiladas e recompiladas que adaptam novas perspectivas ao seu contexto original” (ALMEIDA; SANTOS, 2020, p. 178). Somando-se a isso, os *memes* confeccionados por internautas de todos os cantos do globo expõem com muita criatividade e humor as cenas cotidianas; muitos deles fornecem entradas de problematização que julgamos importantes porque evidenciam a necessidade de mudanças na esfera pública (COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019).

Os *memes* capturados e analisados apropriam-se de elementos culturais da vida cotidiana, (re)contando situações de acordo com interesses ou inquietações do/a idealizador/a. A linha imaginária do Equador, ao ser redesenhada para incorporar as regiões brasileiras do Norte e Nordeste, sugere ainda que o país enfrente as nevascas do Hemisfério Norte:

Figura 1 - Redefinição da linha do Equador

Nova linha do Equador, redesenhada hoje pelo "ministro" Pazuello. Agora sim, Norte e Nordeste inclusos... não vejo a hora de nevar.



Fonte: *Meme* capturado no Facebook em junho de 2020.

Reforçamos que justificar a alta mortalidade por COVID-19 em determinadas regiões do país não exime a responsabilidade dos governantes em razão da forma como eles têm lidado com a pandemia no Brasil. Importante ressaltar que as/os internautas responsáveis pelas confecção e compartilhamento dos *memes* aliam o desejo por mudança na esfera política, fazendo do humor e da criatividade importantes estratégias disparadoras de questionamentos das cenas cotidianas

(COUTO JUNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019). Dessa forma, esse tipo de produção imagética surpreende ao tornar-se figura-chave nas redes sociais digitais, justificada pela necessária consciência política por parte das/os internautas responsáveis tanto pela sua criação como pela disseminação.

Figura 2 - Inverno do Hemisfério Norte no Amazonas

O norte e nordeste acompanham o **inverno** do hemisfério norte.

Indo pesquisar sobre onde os índios da Amazonas moram, encontrei essa linda oca, simplesmente incrível

Pazuello tem razão



Fonte: *Meme* capturado no Twitter em junho de 2020.

De forma alguma partimos do pressuposto de que os diferentes saberes precisam passar pelo crivo da ciência para legitimarem-se; no entanto, buscamos frisar nossa preocupação pela falta de compromisso com a verdade em tempos de pandemia. Parece-nos que o interesse em justificar o alto número de mortes pela COVID-19 tem sido maior do que a construção efetiva de políticas de enfrentamento à própria doença. O fenômeno é notório quando percebemos que a formação da opinião pública privilegia o despertar das convicções pessoais e/ou das emoções em detrimento dos fatos (SANTAELLA, 2019).

Outro fator que gera preocupação é continuarmos assistindo a uma quantidade considerável de escândalos no cenário político brasileiro e que não colaboram para o enfrentamento da pandemia da COVID-19, pelo contrário. D'Ancona (2018, p. 35) é enfático ao argumentar que nossa

tendência é não mais esperar “que nossos políticos eleitos falem a verdade: isso, por enquanto, foi eliminado do perfil do cargo, ou, no mínimo, relegado de forma significativa da lista de atributos requeridos”. No entanto, reforçamos a importância do compromisso com a verdade, defendendo o questionamento constante sobre aquilo que é produzido e postado na rede, ampliando, dessa forma, o debate acerca da perspectiva de que *precisamos aprender a pensar diferente*. Não temos dúvida de que isso é um desafio porque há uma tendência de evitar o contato com “novas informações que não se alinham com aquilo que cremos ser verdade, pois isso nos desobriga de pensar diferente, sentir diferente e, conseqüentemente, agir diferente” (SANTAELLA, 2019, p. 19).

Com base nas nossas inquietações de pesquisa frente ao fenômeno da pós-verdade, cartografamos na rede na busca por entradas de problematização que ajudem na análise da complexa conjuntura sociopolítica na qual estamos inseridas/os. Com o método cartográfico, conhecer significa “acompanhar processos, o que não se dá sem a participação no plano coletivo de produção do fenômeno estudado. Pesquisa-se com os processos do mundo, em meio à diversidade do mundo. Pesquisa-se nos processos e não sobre eles” (PASSOS, 2019, p. 133). Pesquisamos os e em meio aos *memes*, acompanhamos o que se produz em/na rede não com o objetivo de validar discursos ou fatos, mas de discutir a busca incessante pela legitimidade de determinados discursos descompromissados com a verdade em tempos de pandemia.

Com a cartografia, nosso interesse também foi trazer considerações relevantes a respeito de determinados comentários na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook, conforme apresentamos a seguir (Figuras 3, 4 e 5).

Figura 3 - Internauta concordando com as proposições de Pazuello

PARABÉNS trabalho sério é o negócio agora fiscalizar o Nordeste os Estados que fazem oposição ao Presidente Bolsonaro vê os números que são altos isso é muito estranho . Tem que fiscalizar ministro

Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.

Investigamos sua narrativa e destacamos a junção de dois aspectos que são de suma importância para refletirmos: 1 – A “estranheza” dos dados oficiais, ou seja, a descrença nos órgãos competentes e pesquisadoras/es da área; 2 – A ideia de que os sujeitos contrários ideologicamente ao presidente Bolsonaro estariam forjando números com interesses políticos. Esses dois pontos são fundamentais para a discussão porque são muito recorrentes na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook quando analisamos os discursos de internautas para validar o discurso do ministro Pazuello.

Quanto ao primeiro ponto, preocupa-nos a ideia de que estudos científicos e pesquisas tão importantes sejam questionados quanto à sua veracidade, principalmente quando o questionamento é realizado por uma parcela da sociedade que privilegia os discursos políticos e os coloca em uma posição de verdade inquestionável. Com isso, interessa-nos buscar uma melhor compreensão dos pontos de vista de pessoas que vêm sendo comumente identificadas na pandemia como “negacionistas”, que agem como se o novo coronavírus provocasse apenas uma “gripezinha”. Essas pessoas criam fantasias mirabolantes sobre a pandemia e produzem verdades legitimadas por elas mesmas a partir de suas convicções pessoais, em um “mar” de (des)informação que vem se espalhando por diferentes redes sociais como Facebook e WhatsApp. Com base em uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup, Andrade (2019) argumenta que a crise de confiança na qual a ciência se encontra é percebida principalmente em sociedades que possuem como característica a polarização política, em que parcela da sociedade ataca determinados discursos de acordo com os interesses políticos ou suas crenças.

No que se refere ao segundo ponto, voltamos nossos olhares para a intensa polarização política brasileira para contextualizar a fala da internauta (Figura 3). Sob posse dos resultados do segundo turno da eleição para presidente em 2018 no Brasil¹⁰, identifica-se, com 69,7% dos votos, o apoio político do Nordeste a Fernando Haddad, candidato de oposição à Bolsonaro. Por essa razão, percebe-se uma tentativa de desqualificar as/os nordestinas/os, assim como todos os outros sujeitos que estão localizados em estados que se opuseram à eleição do presidente vigente.

Essa polarização política é identificada também em uma série de outros comentários na rede, que permitem verificar opiniões divergentes que carregam intolerância frente ao pensamento alheio. Isso é percebido na postagem a seguir.

¹⁰ Resultado da eleição presidencial no Brasil em 2018. Disponível em: <<https://is.gd/MZRHQu>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Figura 4 - Profissional da saúde demonstra apoio ao Ministro Pazuello

Parabéns pelo excelente trabalho desenvolvido pela equipe do ministério da saúde e comando do ministro PAZUELLO! Sou enfermeira, fico indignada com esses esquerdopatas que não entendem e colocam defeitos no que está sendo feito!

Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.

Ao utilizar o termo “esquerdopatas”, a internauta busca (des)qualificar aquelas/es que possuem aproximação aos ideais políticos de esquerda como fanáticas/os. Nesse sentido, há uma tentativa de justificar de forma pejorativa todas/os as/os que, segundo sua opinião, “não entendem” e “colocam defeitos” no que está sendo feito. Esses pensamentos, guiados por interpretações equivocadas ou por fontes próprias de informação, ganham força ao serem disseminados nas redes sociais (ANDRADE, 2019). A importância de refletir sobre discursos políticos como o de Pazuello, aliado às respostas das/os internautas “negacionistas”, aponta para o perigo que o próprio Ministério da Saúde pode representar para a sociedade frente à produção de *fake news* que alimentam o fenômeno da pós-verdade.

Além de internautas que apoiam os discursos e ações do ministro e do presidente, percebemos também um movimento contrário. Na página oficial do Ministério da Saúde no Facebook, questiona-se a motivação da indicação de Pazuello como ministro interino; um dos principais fatores apontados é o fato de ele não ser médico, tampouco do setor da saúde. Essa proposição trazida pela internauta na postagem da Figura 5 sugere que todos os ex-ministros que se alinhavam às recomendações da OMS tiveram desentendimentos com Bolsonaro e, conseqüentemente, não fazem mais parte do Ministério da Saúde.

Figura 5 – Internauta ironiza a escolha de Pazuello por Bolsonaro

Logicamente não seria um médico, pois discordaria do excelentíssimo.

Fonte: Comentário capturado no Facebook em junho de 2020.

Com base nos comentários selecionados da página oficial do Ministério da Saúde e analisados ao longo do texto, identificamos uma multiplicidade de pontos de vista. Essas múltiplas vozes, cujos pontos de vista nem sempre convergem, evidenciam duas especificidades das redes sociais: o poder da emissão e o poder da conexão (LEMOS, 2010). Com isso, temos hoje a oportunidade de olhar para o modo como internautas de todo o mundo fazem da rede um espaço de grande visibilidade de seus questionamentos cotidianos. Não temos dúvida de que precisamos, cada vez mais, ocupar os espaços das redes, ampliando o diálogo com as/os internautas sobre os perigos existentes na disseminação de *fake news* em tempos de pandemia.

Percebemos então como o uso do humor em relação à presença de Pazuello no comando de um setor vital como o da Saúde, principalmente durante uma pandemia, torna-se uma das formas que as/os internautas encontram para questionar diferentes ações governamentais. Os discursos proferidos e as ações realizadas pelo Ministério da Saúde durante os tempos pandêmicos vêm desencadeando repercussões negativas para o Brasil, principalmente quando somos hoje um dos países com maior número de óbitos por COVID-19.

Para não concluir: sobre a necessidade de pensar uma educação em/para a rede

Buscamos investigar, ao longo das reflexões tecidas no texto, o perigo de declarações como a de Pazuello, principalmente em um período marcado pela pandemia da COVID-19. Reiteramos aqui o quanto o espaço das redes sociais vem sendo utilizado recentemente para fins de produção e disseminação de *fake news*, culminando na configuração de um cenário de incertezas caracterizado por uma intensa guerra de narrativas (ALMEIDA; SANTOS, 2020).

Com a pandemia, a presença das/os internautas passa a ser cada vez mais ativa, considerando, principalmente, o aumento do número de pessoas em atividades de *home office*, a substituição dos encontros físicos com amigas/os e familiares por videochamadas e muitas escolas, cursos e universidades sem atividades presenciais. Como consequência, preocupa-nos o aumento da circulação de conteúdos na rede, principalmente aqueles produzidos e compartilhados por pessoas descompromissadas com a verdade. Dessa forma, concordamos com Gomes e Dourado (2019) de que a relativização da verdade e a descredibilização das instituições de pesquisa são duas das diversas formas de criar uma espécie de realidade paralela, baseada naquilo que convém. Isso desencadeia um panorama social preocupante, com parcela considerável da população mergulhada

na desinformação e na desconfiança, duas características que favorecem a produção e disseminação de *fake news* (SANTAELLA, 2019).

Como pesquisadores do campo educacional, percebemos a necessidade de pensar uma educação em/para a rede a partir da compreensão do caráter danoso das *fake news* e do fenômeno da pós-verdade. Destacamos que esse dano é ainda mais perceptível com a formação das “bolhas” devido à “homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos fechados, formados por iguais” (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020, p. 7). No entanto, não queremos dizer com isso que as informações devem deixar de circular na rede. Nossa inquietação se volta para uma formação que venha a privilegiar o exercício da checagem, fundamental para que cada vez mais sejamos capazes de identificar informações falsas ou distorcidas. Dessa forma, estaremos rompendo com a realidade dos indivíduos que não possuem o hábito de verificar em outras fontes de informação os conteúdos que consomem (TAVARES; MAGALHÃES; BRITO, 2020).

Há mais de uma década, Lemos e Lévy (2010, p. 95) já diziam: “um livro não é ‘bom’ porque ele é publicado, uma notícia não é ‘verdadeira’ porque ela é anunciada na televisão, um saber não é ‘garantido’ porque ele é ensinado numa universidade”. Caminhando com esse pensamento, colocar em prática uma educação em/para a rede significa atentar para a perspectiva de que o questionamento é desejável e necessário em tempos de intensa produção e disseminação de (des)informações na internet. Longe de buscar respostas conclusivas às questões apresentadas no decorrer do texto, reiteramos que, em tempos de bonecos de neve na pandemia brasileira, precisamos ampliar a discussão sobre a urgência de colocar em prática uma educação em/para a rede, conscientizando cada vez mais a população sobre a importância de seguir as orientações da OMS para conter a proliferação do novo coronavírus.

Por fim, fazemos nossas as palavras de Maddalena, Couto Junior e Teixeira (2020, p. 1.521), que percebem “a necessidade de construirmos novas estratégias de cooperação planetária” em tempos de pandemia. Para isso, argumentamos quanto à necessidade de buscarmos novas parcerias com outras/os internautas geograficamente dispersas/os com o objetivo de ampliar a discussão em torno do perigo da desinformação na era da COVID-19. A comparação de Pazuello sobre o inverno do Hemisfério Norte ser equivalente ao do Hemisfério Sul esconde o perigo de justificar com inverdades o caos social vivenciado (e intensificado) no Brasil desde que a pandemia foi decretada.

Referências

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa. De memes a fake news: desafios de uma pesquisa-formação na cibercultura. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 173-196, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Crise de confiança suscita debate mundial sobre como enfrentar ataques ao conhecimento científico. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 284, Ano 20, p. 16-21, out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2Y1R2XJ>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Cartografias ciberculturais da formação docente: experimentações autorais na disciplina de educação estética. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3blYJvG>>. Acesso em: 10 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2EsoMEd>>. Acesso em: 22 maio 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://is.gd/bhb7gA>>. Acesso em: 15 set. 2020.

HENRIQUE, Trazíbulu. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2KMPtG5>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-10, jan/dez. 2020. Disponível em: <<https://is.gd/yxvflH>>. Acesso em: 6 set. 2020.

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. In: MARTINS, Camila Duprat; CASTRO E SILVA, Daniela; MOTTA, Renata (Orgs.). **Territórios recombinaentes**: arte e tecnologias. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007, p. 35-48.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

MADDALENA, Tania Lucía; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/37WedIs>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; BIANCO, Vittorio Lo. Os memes e o golpe. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 111-130, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2kW2Pqq>>. Acesso em: 20 set. 2019.

PASSOS, Eduardo Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, Número Especial, p. 128-139, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/30JGcqj>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Edméa; COLACIQUE, Raquel; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. A autoria visual na internet: o que dizem os memes? **Quaestio**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 135-157, maio 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2MGandy>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

TAVARES, Leonardo Pereira; MAGALHÃES, Marina; BRITO, Higor Costa. Desinformação em meio à pandemia: análise da disseminação de fake news na rede social Twitter. **Revista Temática**, Paraíba, v. 16, n. 09, p. 294-310, set. 2020. Disponível em: <<https://is.gd/4cY4To>>. Acesso em: 24 nov. 2020.